

O acervo do Instituto de Educação do Rio de Janeiro

Raffaela de Menezes Lupetina*

Palavras-chave:
Acervo
Instituto de Educação
Preservação

Resumo: Este artigo traz contribuições sobre o acervo do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, atualmente denominado Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ). Nesse acervo existe um cuidado na preservação dos documentos e, mesmo sendo uma Instituição estadual, na qual não se esperaria tal cuidado, os funcionários têm muito zelo com as fontes documentais, principalmente porque a equipe do acervo é composta por pesquisadores, o que contribui para uma postura diferente diante do material empírico. As principais referências do artigo são: Le Goff (1994); Vidal (2005); Ginzburg (2007) e Bonato (2005), além dos documentos encontrados no interior do acervo do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro.

Key words:
Files
Institute of Education
Preservation

Abstract : This article brings contributions about the acquis of the Instituto de Educação do Rio de Janeiro, now called the Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ). In this acquis there is a careful preservation of the documents, even for a state institution which would not be expected such care, employees have great zeal with documentary sources, mainly because the archives team is composed of researchers, which contributes to a different stance before the empirical material. The article's main references are: Le Goff (1994); Vidal (2005); Ginzburg (2007) and Bonato (2005), in addition to the documents found inside the archive of the Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro.

Recebido em 31 de outubro de 2015. Aprovado em 25 de janeiro de 2016.

Introdução

O interesse pelo acervo do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (IE), atualmente denominado Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), ocorreu devido à pesquisa empírica realizada para a elaboração da dissertação de Mestrado em Educação intitulada “A formação docente e a mudança no perfil do alunado do curso normal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro na década de 1970”¹. A referida investigação partiu da hipótese de que a Lei 5.692 de 1971, ao transformar o curso normal do Instituto de Educação em uma Habilitação Específica para o Magistério alterou o perfil dos discentes.

Nessa perspectiva, na busca de fontes documentais que comprovassem ou corroborassem a suposição inicial, foi necessário conhecer o acervo

existente no Instituto de Educação, assim como perceber as possibilidades de investigação existentes no *locus* de pesquisa.

Cabe salientar que para a realização da pesquisa é preciso dispor de variadas fontes que nos possibilite uma investigação mais profunda sobre o tema. Conforme Vidal:

O interesse pela singularidade no tratamento das diversas fontes para a produção historiográfica [...] já tinha forjado um deslizamento em direção à história, à teoria da linguagem e à antropologia, dentre outras disciplinas, **impelindo à busca de documentação sobre o passado educacional em arquivos públicos**, institucionais e particulares, e **mesmo à elaboração de documentos pelo recurso à história oral** (2005, p. 1, grifos nossos).

Cabe ao historiador o olhar atento sobre cada pista, cada rastro, porque a ausência de uma fonte

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Especialista em História do Rio de Janeiro pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Benjamin Constant (IBC), Rio de Janeiro. Email: raffalupetina@gmail.com

pode ser um indício, uma informação importante para a construção da análise e da compreensão do objeto de estudo. Portanto, é preciso se familiarizar com as questões que justificam o desenvolvimento da investigação para possibilitar o uso da metodologia correspondente.

O arcabouço teórico possibilita a análise e o cruzamento com as fontes documentais, movimento necessário ao pesquisador, visto que, somente assim este conseguirá estabelecer uma apreciação desse material empírico. Para Le Goff (1994, p. 473) “Mais ainda do que estes múltiplos modos de abordar um documento, para que ele possa contribuir para uma história total, importa não isolar os documentos do conjunto de monumentos de que fazem parte”. Portanto, ao encontrar fontes documentais relevantes para a investigação, faz-se essencial considerar os rastros presentes, não tratando tais fontes de forma desassociada.

É sobre o *locus* de pesquisa e *corpus* documental que falaremos a seguir.

O *locus* de pesquisa

Para realizar uma investigação, além do levantamento bibliográfico, feito por meio de livros, teses, dissertações e artigos, é enriquecedor e válida a realização de uma busca por fontes documentais para possibilitar um cruzamento de dados.

Nesse sentido, o principal local para a pesquisa documental foi o acervo do próprio Instituto, situado na Rua Mariz e Barros, nº 273, Tijuca, Rio de Janeiro. Nele foram observados quatro núcleos responsáveis pela preservação e guarda da memória do Instituto de Educação no âmbito da instituição²:

- 1) Centro de Memória da Educação Brasileira (CMEB/ISERJ). Atualmente coordenado pela professora Marluca Neri Stefansen, conta com uma equipe de sete funcionários que são responsáveis pela manutenção, organização e preservação do acervo³. O horário estendido de atendimento ao público (até 21 horas) representa maior possibilidade de tempo para o pesquisador ir ao Centro para consultar as fontes. Inclusive, os professores e os funcionários

do CMEB incentivam que os próprios alunos do ISERJ visitem o Centro para conhecer mais sobre história da Instituição⁴.

É permitida a consulta por pesquisadores externos (que não trabalham/estudam no Instituto), desde que seja preenchida uma ficha com informações como: o título da pesquisa, a instituição proveniente e as pastas consultadas, como foi o caso nesta pesquisa.

Dentro do acervo do CMEB encontramos o livro de discursos, o documento de reformulação curricular para 1975 e os questionários aplicados aos alunos e professores nesse período.

- 2) Projeto Memória do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (Promemo/ISERJ) que constitui um projeto acadêmico de pesquisa com apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), atualmente coordenado pela Professora Dr^a. Maria Carolina Granato da Silva⁵.
- 3) Secretaria de Orientação Pedagógica (SOP), que armazena algumas ementas de disciplinas, registros de reunião de professores e conselhos de classe, relatórios sobre os alunos e certificados de cursos realizados pelos professores. No SOP coletamos ementas de algumas disciplinas vigentes na década de 1970.
- 4) Secretaria de Ensino, que é responsável pela manutenção e fiscalização do *arquivo morto*, consultado para termos acesso às fichas de ex-alunos⁶. Destacamos que estamos utilizando a expressão *arquivo morto* de acordo com a denominação atribuída pelos funcionários do CMEB/ISERJ, da Biblioteca Paulo Freire e da secretaria de ensino, que é a responsável pela manutenção do arquivo. Previamente, podemos dizer que esse arquivo corresponde ao “*arquivo permanente*”. Sobre isso, falaremos mais adiante.

Corpus documental

Antes de apresentá-los, cabe ressaltar que apenas as fontes documentais encontradas em

acervo não constituem elementos históricos para o pesquisador, é preciso um olhar atento e minucioso diante da descoberta. Os documentos necessitam ser desvelados, não são monolíticos ou sólidos, cada um possui uma intencionalidade velada, cabendo ao pesquisador desvendar esses *rastros*, para poder melhor compreender o período histórico em que foram produzidos. Na concepção de Ginzburg (2007), todo e qualquer texto ou documento deixa um rastro, uma pista.

[...] a relação entre o fio - o fio do relato, que ajuda a nos orientarmos no labirinto da realidade - e os rastros. [...] procuro contar, servindo-me dos rastros, histórias verdadeiras (que às vezes têm como objetivo o falso). Hoje nenhum dos termos dessa definição (“contar”, “rastros”, “histórias”, “verdadeiras”, “falso”) me parece algo óbvio (GINZBURG, 2007, p. 7).

Outro autor que nos ajuda a pensar o trabalho com fontes documentais é Le Goff, que institui a herança do passado como materiais de memória (os monumentos) e como escolha do historiador (os documentos). A memória coletiva é seletiva e muitas vezes fantasiada e se contrapõe com a história, que é legítima e oficializada.

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo [...] (LE GOFF, 1994, p. 545).

Nos quatro núcleos existentes a investigação teve como *corpus* documental:

- a) Fichas de ex-alunos que concluíram o curso normal entre o período de 1969 e 1982, contendo os seguintes dados: gênero, local de moradia, faixa etária, data de ingresso, instituição escolar de origem, entre outros.
- b) Grades Curriculares: as grades curriculares encontradas no interior das fichas de ex-alunos em diferentes períodos (dentro da década de 1970) nos permite analisar as alterações sofridas no currículo ao longo dos anos e quais disciplinas escolares foram mantidas em detrimento de outras.

- c) Documento de reformulação curricular para 1975 e questionários aplicados aos professores e alunos sobre essa proposta: no Acervo do CMEB/ISERJ encontramos um documento que apresentava uma proposta de reformulação curricular realizada no final do ano de 1974, complementado com questionários realizados com professores e alunos sobre a viabilidade dessa reforma.

- d) Ementas das disciplinas: indicam a que se propõe cada disciplina e os conteúdos e conceitos que pretendem ser abordados nestas. A partir das ementas das disciplinas do período é possível observar qual o propósito da instituição em relação ao conteúdo que pretendiam apresentar aos alunos.

O uso dessa documentação tornou-se fundamental para a pesquisa, cabendo problematizar aqui a denominação *arquivo morto*, visto que se trata de uma documentação de exímio valor histórico, que mesmo não tendo mais natureza administrativa ou corrente, ou seja, não necessitando de uma consulta frequente para fins administrativos, ainda assim, são documentos que carecem de preservação e contribuem para a pesquisa científica, conforme podemos observar em Bonato (2005):

Em algumas escolas, o espaço destinado à documentação acumulada é identificado como *arquivo morto*. Até hoje, essa é uma velha e incorreta denominação para a documentação de caráter permanente, sugerindo a existência de uma documentação sem utilidade e descartável (p. 206).

A partir do conhecimento dos documentos preservados dentro desse *arquivo*, podemos concluir que este trata-se de um *arquivo permanente*⁷, pois reúne documentos que representam um *patrimônio documental*⁸; parte da memória da instituição escolar, ao ter neles registrados dados sobre ex-alunos. A consulta nesse arquivo pode ser realizada tanto por pesquisadores, quanto por funcionários internos que necessitem acessar a documentação.

Em algumas escolas, por um motivo ou por outro não é praticada essa preservação, no entanto, mesmo com a denominação de *arquivo morto*, no Instituto de

Educação é possível perceber uma preocupação em preservar a documentação referente ao funcionamento e à memória da Instituição. Em conversa informal com o funcionário do CMEB, Aderaldo, ele afirma que “temos o dever de guardar e conservar todos os documentos do Instituto, mesmo que estejam caindo aos pedaços, é nossa função conservar e cuidar, pois é um patrimônio da escola e sabemos que servem também como fonte documental para pesquisadores”⁹. Assim, é significativa a fala de Bonato (2005):

[...] Se por um lado, muitos querem livrar-se dos documentos, por outro lado, temos de louvar aqueles que a despeito das dificuldades como a falta de apoio oficial, recursos humanos, materiais e financeiros tentam proteger seus acervos da destruição e dão apoio à pesquisa científica (p. 211).

Pensando no que diz a autora, em relação à dificuldade em preservar os documentos, consideramos importantes os esforços dos funcionários do IE em preservar e conservar essas fichas e demais documentos que são fonte desta pesquisa.

Nesse arquivo estão armazenadas as fichas de ex-alunos concluintes do curso normal da década de

1960 em diante¹⁰. As fichas são organizadas dentro de caixas grandes de papelão e estas, por sua vez, são distribuídas em estantes. Quanto ao método de organização arquivística, cada estante compõe uma década, possuindo aproximadamente 28 caixas¹¹, sendo que cada caixa possui aproximadamente 140 fichas¹², dispostas em ordem alfabética pelo último sobrenome.

Os funcionários responsáveis pelo *arquivo*, como alternativa às ‘caixas de arquivo’, aproveitam caixas de papelão, adquiridas inicialmente com resmas, para armazenamento de documentos e utilizam cores distintas para organizar diferentes décadas. Exemplo: a década de 1970 é composta por caixas da cor vermelha e a década de 1960 por caixas da cor verde.

Assim, a estante da década de 1970, de maior interesse para a presente pesquisa, possui 28 caixas com fichas organizadas por ordem alfabética, de acordo com o sobrenome. Dessa forma, em uma caixa que contém fichas de alunos, cujos sobrenomes começam com a letra A, podem-se encontrar formandos desde o ano de 1970 até o ano de 1979. A identificação é colocada na frente da caixa, como pode ser observado na Figura 1.

Figura 1 - Caixas de papelão que armazenam as fichas de alunos/as concluintes do curso normal da década de 1970



Fonte: Fotos da autora. Acervo ISERJ

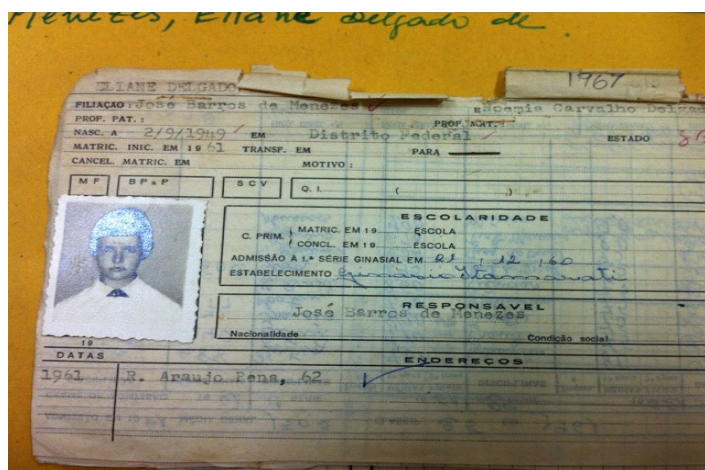
Quanto à composição da ficha de ex-discente, além de uma foto 3x4, encontramos os seguintes campos que deveriam ser preenchidos: nome completo do aluno; filiação (nomes completos dos pais); data de nascimento; local de nascimento (nacionalidade e naturalidade); ano de ingresso no Instituto de Educação; ingresso na modalidade ginásio ou normal; estabelecimento de ensino anterior ao IE; endereço residencial do aluno; telefone para contato; e pessoa responsável pelo aluno (nome da mãe, do pai, do próprio, ou de terceiro). Em algumas fichas a religião do responsável pelo aluno também era declarada. As principais religiões observadas foram: católica (na grande maioria), budista, judaica e espírita. Destacamos que, quando o aluno ingressava no Instituto de Educação no curso ginásial e seguia até o curso normal, sua ficha

passava a ter duas fotos 3x4, assim localizadas: uma foto correspondente ao ingresso no ginásio localizado no lado esquerdo e outra referente ao início do curso normal localizado no lado direito.

Nas Figuras 2 e 3 é possível observar a reprodução da parte externa da ficha de ex-alunos¹³:

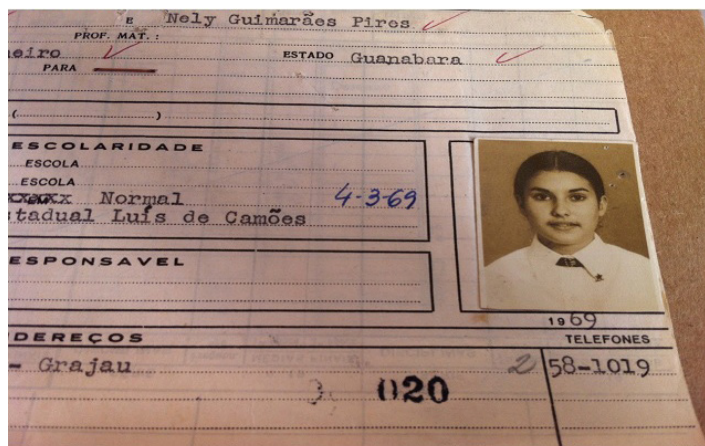
As fichas contêm também o histórico escolar do estudante, o ano correspondente a cada série cursada (exemplo: 1969 - 1ª série; 1970 - 2ª série; 1971 - 3ª série) e todas as disciplinas realizadas e as respectivas notas ao lado, além da média geral de cada ano e o total de pontos. No caso dos alunos que ingressaram no IE no ginásio através do exame de admissão, constam, também, as notas do *concurso de Seleção para Admissão à 1ª série do curso ginásial*, com as notas obtidas nas provas de Português, Matemática, História do Brasil e Geografia.

Figura 2 – Ficha de ex-aluna que ingressou no curso ginásial do IE em 1961 e se formou no curso normal em 1967



Fonte: Fotos da autora. Acervo ISERJ.

Figura 3 – Ficha de ex-aluna que ingressou em 1969 no curso normal e se formou em 1971



Fonte: Fotos da autora. Acervo ISERJ

Na Figura 4 podemos visualizar a ficha de uma das ex-alunas, referente ao concurso de admissão¹⁴ para ingressar no ginásio do IE:

ISERJ, existe uma preocupação dos funcionários em manter o local conservado para o pesquisador. Tal fato acentua-se, possivelmente, pela equipe do acervo ser

Figura 4 – Notas do concurso de admissão

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
CONCURSO DE SELEÇÃO PARA ADMISSÃO À 1ª SÉRIE DO CURSO GINÁSIAL

Eliane Delgado de Menezes

Filiação José Barros de Menezes e Noemia Carvalho Delgado de Menezes
Naturalidade Distrito Federal
Nascida em 2 de setembro de 1949 Idade atual
Residência Rua Araujo Pena, 62 Fone 28 2436

	NOTA	PÊSO
Matemática	110 x4	440
Português	172 x4	688
História do Brasil e Geografia	187 x2	374
Total de pontos		1502
Média final 150,2		

Em 15.3.1961
Assinatura do Serviço

Fonte: Fotos da autora. Acervo ISERJ

A ficha demonstrada na Figura 4, referente ao concurso de seleção para admissão ao curso ginásial, contém os principais dados da aluna, como: nome, filiação, naturalidade, data de nascimento, residência e telefone para contato, assim como as notas das provas de Matemática, Português, História do Brasil e Geografia, além da média final. A ficha corresponde à seleção do ano de 1961, pois a ex-aluna estudou no IE de 1961 a 1967, concernente aos quatro anos do curso ginásial e três anos do curso normal.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo demonstrar a importância da preservação documental dos acervos históricos, além de propor uma reflexão para a dificuldade dessa ação.

Para o pesquisador, seja este historiador, educador, antropólogo ou estudante de pós-graduação, é extremamente importante a conservação do *lôcus* de pesquisa documental, pois consequentemente o estado físico da fonte estará mais preservado e facilitará a pesquisa de campo.

No caso que trouxemos aqui, o acervo do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, atualmente

composta por pesquisadores, os quais têm esse olhar cuidadoso perante os documentos históricos. Além disso, a Instituição também teve a preocupação em estender o horário de funcionamento do acervo para que pesquisadores e estudantes de fora do IE tenham a possibilidade de ter acesso ao acervo e à documentação.

Esperamos que o presente artigo contribua para uma reflexão e observação mais apurada em relação aos acervos – escolares, públicos, entre outros – e, principalmente, que desperte a curiosidade do leitor em conhecer mais sobre as demandas e possibilidades existentes nesse espaço tão rico de pesquisa.

Notas

1 A dissertação foi elaborada pela autora desse artigo e defendida em 13 de maio de 2015 na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) com banca examinadora composta por Profa. Dra. Nilda Marinho da Costa (Unirio), Profa. Dra. Sonia Maria de Castro Nogueira Lopes (Ufrj) e Profa. Dra. Angela Maria Souza Martins (Unirio).

2 Existe também a biblioteca do ensino superior, denominada Biblioteca Paulo Freire, composta por livros e materiais em geral para consulta relacionada à educação. Com o horário de funcionamento de: terças das 08 às 21 horas e os demais dias da semana das 08 às 20 horas. O corpo pedagógico responsável por organizar e manter o funcionamento da Biblioteca Paulo Freire é composto atualmente por: Elisângela Maria da Silva;

Maria de Fátima da Silva Simeão e Paulo de Tarso G. de Toledo. Nessa biblioteca o empréstimo de livros é apenas para os alunos do ISERJ. Além desta, existe a biblioteca do ensino médio, que contém obras raras do campo da educação, esta última está passando por uma reorganização, e a consulta de livros (no local) é aberta ao público externo.

3 Nos tempos atuais, 2014-2015, o CMEB está passando por uma reorganização documental, devido à mudança de coordenação. Antes o Centro de Memória da Educação Brasileira era coordenado pela professora Heloísa Helena Meirelles.

4 Conforme conversa informal com o funcionário Aderaldo em 18 de julho de 2014.

5 O Projeto Memória do ISERJ (PROMEMO) começou em 2001, coordenado pela Profa. Dra. Sonia Maria de Castro Nogueira Lopes. Na época, o Projeto contava com dois núcleos: o Núcleo Memória e História Oral e o Núcleo História e Fotografia, coordenado por Sonia e Maria Carolina, respectivamente. Inicialmente, o Projeto objetivava pensar a origem da escola normal até a história imediata. Em 2005 o Projeto foi apresentado à FAPERJ. Ainda permanecem os estudos sobre História Oral e Imagens, coordenado pela professora Maria Carolina. Informações obtidas em conversa com a atual coordenadora em 4 de março de 2015 e através do documento de Lopes (2000).

6 “Fichas de ex-alunos” conforme identificado no acervo do Instituto de Educação. Tanto no acervo, como no CMEB os funcionários utilizam essa terminologia.

7 O *arquivo permanente* representa a *terceira idade* da documentação conforme a Teoria das Três idades. De acordo com Bonato (2000, p.47) “os arquivos passam por três estágios de evolução: *arquivo corrente* ou primeira idade - constituído de documentos em curso e consultados frequentemente. De natureza administrativa, atendem às necessidades imediatas para as quais foram produzidos e por isso se conservam junto aos órgãos produtores; *arquivo intermediário* ou de segunda idade - nos quais os documentos não são mais consultados tão frequentemente, porém ainda podem ser solicitados para alguma questão pelo órgão que os produziu. [...]; *arquivo permanente* ou *terceira idade* - constituído de documentos que perderam todo o valor de natureza administrativa, mas que se conservam definitivamente em razão de seu valor histórico ou probatório, de acordo com a avaliação documental” (grifo nosso).

8 Mais informações em Bonato (2005).

9 Conforme conversa informal dentro do CMEB em 18 de julho de 2014. Aderaldo Pereira dos Santos informou que, por já ter uma trajetória acadêmica, tem muita preocupação com a preservação e conservação da documentação do Instituto. Destacamos que o funcionário possui graduação em História pela Universidade Federal Fluminense, especialização em História do Século XX pela Universidade Cândido Mendes, especialização em História da África e do Negro pela Universidade Cândido Mendes e mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

10 As fichas de ex-alunos da décadas de 1930 e 1940 foram encaminhadas para o CMEB para aos poucos serem enviadas para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) para serem microfilmadas e depois retornarão para o IE. Segundo a equipe do CMEB, as fichas referentes a essas décadas serão prioritariamente microfilmadas por serem as mais consultadas e por isso a documentação encontra-se em um estado de conservação mais frágil. Essa informação ratifica que ainda prevalecem pesquisas sobre o Instituto de Educação referente às décadas de 1930/1940, confirmando a importância de realizar estudos sobre outros períodos. Informação em 18 de julho de 2014.

11 No entanto, as fichas de ex-alunos concluintes após o ano de 2000 estão localizadas em arquivos de aço de quatro gavetas, pois são documentos mais recentes.

12 Se cada caixa possui, aproximadamente, 140 fichas de ex-alunos e a estante da década de 1970 contém 28 caixas, então, na década de 1970, formaram-se 4.000 alunos (em torno de 400 alunos por ano).

13 Todas as fotos retiradas no interior do IE tiveram o consentimento da equipe do CMEB, inclusive mediante documento escrito. As expostas nesta pesquisa têm, também, a permissão das ex-alunas correspondentes às fichas.

14 Cabe contextualizar que o exame de admissão ocorreu até o advento da Lei 5.692, pois a aglutinação do primário e ginásio, o extinguiu: “essa ampliação da obrigatoriedade e junção do primário e do curso ginásial (totalizando 8 anos) acabou com os antigos exames de admissão que eram responsáveis pela passagem do primário ao ginásial, e também consistia em um instrumento de seletividade” (ROMANELLI, 1978, p. 237).

Referências

BONATO, Nailda Marinho da Costa. Memória da Educação: preservação dos arquivos escolares. **Presença pedagógica**, Belo Horizonte: Editora Dimensão, v. 6, n. 35, set./out. 2000.

_____. Os arquivos escolares como fonte para a história da educação. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Autores Associados, São Paulo-SP, n. 10, julho/dezembro 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão [et.al.] 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1978.

VIDAL, Diana Gonçalves. Da caligrafia à escrita: experiências escolanovistas com caligrafia muscular nos anos 30. **R. Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 126-140, jan./jun., 1998

Fontes documentais do Acervo do Instituto de Educação

IE/GB. **Livro de discursos**. Centro de Memória da Educação Brasileira do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, CMEB/ISERJ, 1967-1970.

IE/GB. **Ementas das disciplinas do curso normal**. SOP/ISERJ.

_____. **Documento de reformulação do currículo para 1975**. Acervo Centro de Memória da Educação Brasileira, CMEB/ISERJ.

_____. **Questionário aos alunos sobre a reformulação curricular**. 07.11.74. Acervo Centro de Memória da Educação Brasileira, CMEB/ISERJ.

_____. **Dados para o cadastro e participação no novo currículo**: questionários aos professores sobre a reformulação curricular. 12.11.74. Acervo Centro de Memória da Educação Brasileira, CMEB/ISERJ.

_____. **Circular nº33/77** de 15 de junho de 1977. Instituto de Educação: Caixa Escolar Carlos Porto Carreiro. Acervo Centro de Memória da Educação Brasileira, CMEB/ISERJ.

IERJ. **Documento sobre o Parecer 76/75**. 1977. Acervo Centro de Memória da Educação Brasileira, CMEB/ISERJ.

INSTITUTO de Educação. **Regimento de 1943**. Centro de Memória da Educação Brasileira do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, CMEB/ISERJ. 1945.

LOPES, S.C. **Relatório de Pesquisa do Projeto Memória**. ISERJ, 2000.